

**Wilson Corrêa da  
Fonseca Júnior**

Empresa Brasileira de  
Pesquisa Agropecuária  
– Embrapa  
Grupo de Pesquisa:  
Criticom

**Pesquisa epistemológica:  
metodologia e prática na  
investigação sobre o estatuto  
disciplinar da comunicação**

**Epistemological search:  
methodology and practice in  
the research about the  
disciplinary status of  
communication**

**Investigación epistemológica:  
metodología y práctica en la  
exploración sobre el estatuto  
disciplinario de la  
comunicación**

RESUMO

Este trabalho possui como principais objetivos apresentar e desenvolver uma proposta de metodologia em pesquisa epistemológica voltada para a investigação de temas sobre a disciplina de Comunicação. Para isso, introduz a discussão sobre a Comunicação como problema epistemológico; resgata e organiza diversas concepções de epistemologia e propõe um modelo metodológico de pesquisa epistemológica. Finalmente, descreve e desenvolve as principais etapas dessa metodologia na investigação sobre o estatuto disciplinar da comunicação e, em particular, do perfil epistemológico dos estudos brasileiros em Comunicação contemplados em uma base de dados internacional de ciência e tecnologia. Palavras-chave: Comunicação; epistemologia; pesquisa epistemológica.

ABSTRACT

This work has as its main objectives to present and develop a proposed methodology in epistemological research focused on the research on topics involving the discipline of Communication. To do so, it introduces the discussion on communication as an epistemological problem, rescuing and organizing various conceptions of epistemology and proposing a methodological model of epistemological research. Finally, it describes and develops the main stages of the methodology in a research on the disciplinary status of communication and, in particular, the epistemological profile of Brazilian studies in Communication found on a science and technology international database. Keywords: Communication; epistemology; epistemological research.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivos principales presentar y desarrollar una propuesta de metodología en la investigación epistemológica centrada en temas de investigación en la disciplina de Comunicación. Para eso introduce el debate sobre la comunicación como un problema epistemológico; rescata y organiza diversas concepciones de epistemología y propone un modelo metodológico de investigación epistemológica. Por último, se describe y desarrolla las principales etapas de esta metodología en la investigación sobre el estado disciplinario de la comunicación y, en particular, el perfil epistemológico de estudios brasileños en la comunicación incluidos en una base de datos internacional de la ciencia y la tecnología. Palabras clave: Comunicación; epistemología; investigación epistemológica.

## Introdução

O estudo científico da comunicação humana é fenômeno amplo e relativamente recente: começou a ser conduzido de forma sistemática nos Estados Unidos por pesquisadores das áreas de psicologia, sociologia e ciências políticas nos primórdios do século XX. Como campo acadêmico autônomo, a Comunicação institucionalizou-se naquele país entre os anos 1950 e 1960 (BERGER; ROLOFF; ROSKOS-EWOLDSEN, 2010) e estabeleceu-se no Brasil na década seguinte como ampliação da disciplina de Jornalismo. O resultado desse processo é que, ao emergir no contexto das ciências aplicadas, o campo comunicacional passou a configurar-se como um aglomerado de disciplinas de outros ramos do saber, tais como Artes, Humanidades e Ciências Sociais, além de contemplar o conhecimento sobre diversas práticas profissionais, entre elas o jornalismo, a publicidade e as relações públicas (MARQUES DE MELO, 2001).

Diante desse quadro, não é de surpreender que a abordagem sobre fenômenos comunicacionais não seja exclusiva do campo da Comunicação, da mesma forma com que perspectivas históricas, sociológicas, psicológicas, econômicas e políticas são adotadas em pesquisas desse campo. Esse reconhecimento da formação da Comunicação a partir da contribuição de

diversos domínios do conhecimento tem motivado a reflexão sobre seu estatuto disciplinar (ou seja, sobre seu objeto, princípios e teorias próprios) no Brasil e no exterior (FADUL; DIAS; KUHN, 2001; JOURNAL, 1993; LOPES, 2003). Seguindo essa linha, este trabalho propõe-se a rever os principais pontos desse debate, a levantar o perfil epistemológico dos estudos brasileiros em Comunicação e a refletir sobre os resultados encontrados. Para isso, faz-se necessário realizar algumas considerações preliminares de ordem conceitual.

### Concepções de epistemologia

A epistemologia é concebida, de forma bastante ampla, como o “estudo metódico e reflexivo do saber, de sua organização, de sua formação, de seu desenvolvimento, de seu funcionamento e de seus produtos intelectuais” (JAPIASSÚ, 1991, p. 16), mas sua delimitação depende da fonte de referência. De acordo com o autor ou área do conhecimento (filosofia, sociologia, linguística, comunicação etc.), a epistemologia pode englobar desde questões filosóficas gerais até chegar à condição de instância metodológica do trabalho científico (FONSECA JÚNIOR, 2007). A partir do mapeamento dessa diversidade de sentidos atribuídos à epistemologia, é possível organizar e descrever suas principais concepções, apresentadas a seguir.

### *Epistemologia*

Disciplina filosófica que se ocupa do conhecimento humano em geral e do conhecimento científico em particular. Em sentido amplo, o termo é adotado como sinônimo de teoria do conhecimento (ou

gnosiológica), a partir do qual assume significações cada vez mais restritas.

### *Teoria do conhecimento (ou gnosiologia)*

Disciplina ou ramo da filosofia que se ocupa da investigação sobre a definição, origem, possibilidade e valor do conhecimento humano.

### *Filosofia da ciência*

Prolongamento da reflexão gnosiológica que designa todas as possibilidades e modos efetivos pelos quais a filosofia toma a ciência como objeto (metafísica, epistemologia, lógica, ética e estética).

### *Epistemologia (sentido estrito)*

Disciplina híbrida, de origem filosófica, mas de natureza filosófica ou científica, direcionada à solução de problemas da ciência, tais como seu objeto, métodos e fundamentação (filosofia), evolução (história) e condições de produção (sociologia). Divide-se em: a) *epistemologia geral*, quando trata do conhecimento científico em geral; e b) *epistemologia local*, quando relativa a uma disciplina particular.

### *Epistemologia aplicada*

Atividade híbrida, de origem filosófica, mas de natureza filosófica ou científica, seja como metodologia (filosófica ou científica) ou instância metodológica da pesquisa científica, responsável, neste caso, pela vigilância e coerência epistemológica de todo o processo de investigação.

Essa sequência de concepções sobre epistemologia reflete, de certo modo, o longo processo histórico de evolução das relações entre filosofia e ciência,

no qual se verifica a progressiva consolidação das diversas ciências como formas de conhecimento autônomas em relação à filosofia – inicialmente as ciências naturais, posteriormente as ciências humanas. Diante dessa diversidade de sentidos, Martino (2003) afirma que o problema do conhecimento pode ser abordado tanto sob a perspectiva filosófica como sob a perspectiva científica. Nos países anglo-saxões, a epistemologia continua profundamente marcada pela filosofia, oscilando entre a teoria do conhecimento e a filosofia da ciência, enquanto, no Brasil, se admite sua maior aproximação com o campo científico (JAPIASSÚ, 1991; JAPIASSÚ; MARCONDES, 2008; MARTINO, 2003).

### A epistemologia contemporânea

Atualmente não é possível enquadrar a epistemologia como disciplina estritamente filosófica ou estritamente científica por dois motivos principais: em primeiro lugar, por não ser possível desconsiderar seu vínculo original com a tradição filosófica (MARTINO, 2003); em segundo, por ela se situar na intersecção de preocupações e de disciplinas bastante diversas, sejam elas a própria Filosofia como também a História, a Psicologia ou a Sociologia da Ciência (OLIVA, 2003). Nesse contexto, um aspecto fundamental da discussão epistemológica é a distinção entre “campo científico” e “disciplina”. O primeiro termo, do qual deriva a noção de “campo acadêmico”, possui um perfil marcadamente sociológico e designa o conjunto de instituições do sistema da ciência, dentro das quais se manifestam as condições sociais e políticas de produção (pesquisa), reprodução (ensino) e circulação do conhecimento de um determinado saber (BOURDIEU, 1983; LOPES, 2003). A noção de “dis-

ciplina", por sua vez, é sinônima de "ramo do saber" (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1052) ou "campo do conhecimento" (DOMINGUES, 2012) e refere-se, em um primeiro momento, à organização do conhecimento com o propósito de instrução. No entanto, é muito mais do que isso.

Apesar de ser comumente adotado para fins taxonômicos, o termo "disciplina" nasce da apropriação pela academia de saberes e práticas acumulados pela sociedade ao longo do tempo, a partir dos quais são estabelecidos um conjunto de problemas e um repertório compartilhado de conceitos, métodos e ferramentas analíticas (LOPES, 2003; MARQUES DE MELO, 2001; MARTINO, 2003; MARTINO; BOAVENTURA, 2013). No âmbito das ciências humanas e sociais, toda disciplina gera seu respectivo olhar sobre o mundo. Em matéria de epistemologia, esse olhar corresponde a certo tipo de abordagem, recorte e problematização do real em que a teoria desempenha o importante papel de não apenas explicar, como também construir seu objeto. Conceitos como indivíduo, sociedade e objetividade, por exemplo, não possuem o mesmo significado ou peso para a sociologia, psicologia ou história e podem receber distintas interpretações (MARTINO, 2003; MARTINO; BOAVENTURA, 2013). Isso não quer dizer que a disciplina seja imune à realidade empírica, pelo contrário. No entanto, as transformações da realidade são tratadas de forma diferenciada por cada disciplina.

Ao referir-se às diferentes visões de mundo manifestadas pelas diversas formas de organização do conhecimento, a noção de "disciplina" possui um perfil marcadamente filosófico e interno. Ela contrasta qualitativamente com a noção de "campo científico",

que se preocupa com as condições de produção do conhecimento sob a perspectiva sociológica e externa. Apesar dessa diferença, ambas encontram-se estreitamente relacionadas, pois a atividade de produção do conhecimento é contemplada pela noção de "campo científico". No entanto, as lutas institucionais dentro de um campo não garantem, necessariamente, o fortalecimento teórico de uma disciplina e do próprio campo. Daí a necessidade de reconhecer-se, ao mesmo tempo, as especificidades e as inter-relações da dimensão científica (sociologia, história, psicologia etc.) e da dimensão filosófica (epistemologia propriamente dita) do conhecimento (LOPES, 2003; MARTINO, 2003). Esse, aliás, é outro aspecto importante da epistemologia contemporânea: sua tendência em reconhecer o potencial de contribuição mútua entre filosofia e ciência.

Entre os autores favoráveis a essa posição encontra-se Jürgen Habermas, cujo pensamento em defesa da racionalidade e do entendimento humano leva-o a propor que se determine de modo novo o nexos entre filosofia e ciência. Para ele, ainda que não possa mais pretender um acesso privilegiado à verdade, a filosofia poderia estabelecer com a ciência uma "divisão de trabalho não exclusiva e render o melhor de si própria, por meio de um questionamento universalista, mantido teimosamente" (2002, p. 47). Japiassú, por sua vez, considera que o não reconhecimento mútuo entre a filosofia e as ciências humanas é pernicioso para ambos os saberes:

não somente a filosofia se perde em seus labirintos de abstrações sem conteúdo real e sem alcance verdadeiramente cognitivo, como também os especialistas e os técnicos do 'humano' correm o risco de tornarem-

-se cegos àquilo que fazem, a ponto de não saberem mais o que estão fazendo. (1991, p. 165-166).

## Metodologia de pesquisa epistemológica

A possibilidade de contribuição mútua entre filosofia e ciência nos estudos epistemológicos possui implicações de ordem metodológica. De um lado encontra-se a epistemologia como disciplina essencialmente filosófica, responsável por examinar a produção de uma determinada ciência ou conjunto de ciências. Trata-se, neste caso, de uma tese de ideias ou de doutrina em que todas as perguntas e respostas são filosóficas, ainda que se considerem elementos factuais ou empíricos fornecidos pela ciência (DOMINGUES, 2004). De outro lado encontra-se a epistemologia no âmbito da ciência, em que todas as perguntas e respostas devem obedecer aos critérios da metodologia científica, cabendo à reflexão filosófica as tarefas de fundamentação e de vigilância crítica no âmbito da pesquisa (LOPES, 1999).

Apesar de a filosofia e a ciência constituírem formas distintas de saber, principalmente em seu aspecto metodológico, a possibilidade de interação entre ambas na realização de estudos epistemológicos deve-se a Jean Piaget, que se empenhou na construção de uma epistemologia científica – a epistemologia genética (PIAGET, 2002), com base no estudo da gênese psicológica do pensamento humano. Seu principal empreendimento foi realizar a passagem da especulação filosófica para a ciência experimental, constituindo a epistemologia como ciência autônoma, distinta da filosofia. Nesse processo, Piaget incorporou em sua epistemologia elementos do pensamento de Kant (a valorização do sujeito ativo em sua relação com o conhecimento), Leibniz (a distinção

entre conhecimento formal e conhecimento empírico) e Hegel (o conhecimento como um processo) (HUISMAN, 2000; JAPIASSÚ, 1991). Ou seja, ainda que tenha privilegiado a pesquisa empírica, Piaget não prescindiu da contribuição filosófica. Trata-se, neste caso, de uma postura distinta da de Habermas, por exemplo, que privilegia o saber filosófico. A principal diferença entre ambos, sob a perspectiva epistemológica, encontra-se, portanto, no valor por eles atribuído à filosofia e à ciência, com decorrências no âmbito metodológico.

A revisão sobre as principais concepções de epistemologia e respectivas contribuições metodológicas propiciou as condições para a concepção e desenvolvimento de uma metodologia de pesquisa epistemológica. Essa proposta assume a epistemologia como disciplina híbrida e contempla, no mesmo processo epistemológico, a interação entre suas dimensões filosófica e científica. Se a pesquisa epistemológica, de caráter filosófico, não se descaracteriza como uma tese de ideias ou de doutrina ao contemplar publicações científicas como objeto de análise, o mesmo se pode dizer em relação às pesquisas epistemológicas de caráter científico, que não abandonam sua dimensão empírica ao adotar alguns princípios filosóficos norteadores. Por isso é possível afirmar que, resguardadas suas respectivas especificidades, essas duas formas de racionalidade podem ser incorporadas em um mesmo estudo, de acordo com o modelo proposto a seguir:

**Quadro 1** - Modelo metodológico de pesquisa epistemológica

DIMENSÕES		ETAPAS	
I	Filosófica	1	Formulação e desenvolvimento do tema/tese da investigação filosófica.
II	Híbrida	2	Seleção do problema da pesquisa empírica e adoção do referencial teórico.
III	Científica	3	Realização da pesquisa empírica.
I	Filosófica	4	Reflexão filosófica sobre as ideias resultantes da pesquisa empírica.

Fonte: Adaptado de Fonseca Júnior (2007)

Conforme pode ser observado no Quadro 1, a pesquisa epistemológica é concebida como um processo composto por três dimensões e quatro etapas sequenciais. A *dimensão filosófica* aparece em dois momentos, no início e no final desse processo. No início do trabalho, a filosofia induz o caminho da investigação do sentido geral para o específico. Nesse caso, ela cumpre o papel de reflexão sobre os problemas epistemológicos de determinada área do conhecimento. Ao final do estudo, a dimensão filosófica induz a investigação no sentido contrário, ao adotar como ponto de partida as ideias derivadas dos resultados e conclusões da pesquisa empírica para submetê-las a uma reflexão mais universalista. Entre esses dois momentos da dimensão filosófica encontram-se a *dimensão híbrida*, associada à definição do problema e adoção do referencial teórico da pesquisa empírica,

e a *dimensão científica*, responsável pela execução da pesquisa empírica propriamente dita.

### Etapas da pesquisa epistemológica

Após o conhecimento sobre o papel desempenhado por suas três dimensões (filosófica, híbrida e científica), o modelo metodológico pode ser mais bem compreendido com a descrição pormenorizada de cada uma de suas quatro etapas. Pela necessidade de operar o estudo proposto, essas etapas serão não apenas descritas e exemplificadas, mas também implementadas neste trabalho. Diante do referencial teórico e metodológico exposto até o momento, esta pesquisa pode ser classificada como um estudo de epistemologia local aplicada.

### *Dimensão filosófica*

O exercício inicial da pesquisa epistemológica é o desenvolvimento de sua dimensão filosófica com a adoção de método apropriado. Em filosofia, o método confunde-se com o próprio ato de filosofar, o que requer maturidade reflexiva e familiaridade com seu léxico particular. Palavras tais como "tema", "problema", "tese", "postulado" e "argumento", entre outras, adquirem sentido específico para atender às exigências teóricas e especulativas da filosofia (FOLSCHEID; WUNENBURGUER, 2013). Diante desse desafio e do espaço restrito para abordá-lo, este artigo limita-se a explorar as etapas dessa dimensão na medida suficiente para ilustrar o potencial heurístico da filosofia. Para isso, resgata exemplos da literatura especializada e apropria-se de alguns de seus procedimentos e discussões para investigar um problema particular da disciplina de Comunicação.

### *Formulação e desenvolvimento do tema/tese*

O primeiro passo da investigação filosófica é a elaboração do tema/tese que deve orientar todo o trabalho. O tema é aquilo de que trata o estudo, o problema geral, enquanto a tese<sup>1</sup> é a posição própria do autor a respeito do tema. Ambos estão intrinsecamente associados (FOLSCHEID; WUNENBURGUER, 2013). Na pesquisa epistemológica, esses procedimentos servem de base à investigação sobre a produção de determinada ciência para chancelar, ou não, o *factum* (discursos, procedimentos e resultados) que se apresenta diante do pesquisador. Este é o caso de Domingues (2004), que se propôs a investigar como a questão da fundação das ciências humanas é pensada por seus principais autores: Émile Durkheim (sociologia), Max Weber (ciências histórico-sociais), Claude Lévi-Strauss (antropologia) e Karl Marx (economia)<sup>2</sup>.

A tese sustentada por Domingues ao longo desse estudo é baseada na afirmação de Lévi-Strauss, segundo a qual o grande desafio das ciências humanas é pensar a diferença. A partir dessa afirmação, ele passa a investigar, nas obras de seus fundadores, como eles

---

<sup>1</sup> Em filosofia, o termo *tese* "deriva dos textos lógicos de Aristóteles, nos quais se encontram dois significados principais, ainda conservados: 1º para designar o que um interlocutor põe no início de uma dissertação como assunção sua" e "2º para designar uma proposição assumida como princípio" (ABBAGNANO, 2000, p. 957). Em sentido genérico, o termo é compreendido como "a proposição que se defende como verdadeira, que se sustenta contra um adversário" (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2008, p. 267) ou "posição de uma doutrina que nos comprometemos a defender contra as objeções que lhe podem ser feitas" (LALANDE, 1999, p. 1134).

<sup>2</sup> Devido à extensão e profundidade da obra de Domingues (2004), suas ideias e métodos estão sendo adotados apenas na medida suficiente para proporcionar uma breve noção de pesquisa filosófica.

tratam a diferença e a diversidade do social, evidenciando as mais variadas formas de racionalidade e de estratégias discursivas. Além da tese inicial, o autor desenvolve uma tese secundária, fundada na hipótese auxiliar de que as quatro principais abordagens das ciências humanas são marcadas pelo realismo epistemológico<sup>3</sup>. Por isso, foram conduzidas a instalar formas objetivadas da realidade, tais como as instituições sociais, o capital, os mitos e as relações sociais, além de negarem o papel do sujeito no processo de conhecimento. Para dialogar com essa ideia, o autor contrapõe a “teoria do conhecimento do criador” ou do “criador do conhecimento”, de Giambattista Vico (1668-1744), para quem só é possível conhecer do real aquilo que nós mesmos criamos por meio de nossas mãos e de nossas mentes – caso contrário, o conhecimento é considerado impossível.

Ao avaliar as obras dos autores selecionados, Domingues (2004) percebe que, embora eles compartilhem o argumento do conhecimento do criador em diferentes planos e níveis do mundo humano, todos são levados, por diferentes motivos, a mitigar suas posições. Nesse processo, Marx e Durkheim revelam-se representantes do realismo epistemológico, enquanto Lévi-Strauss e Weber são construtivistas<sup>4</sup> e estão mais próximos da teoria de Vico. Diante dessa constatação, Domingues (2004) sugere a elaboração de uma

---

<sup>3</sup> O realismo epistemológico pressupõe a existência objetiva da realidade externa como uma realidade racional em si e por si mesma, a qual poderia ser conhecida verdadeiramente pela razão ou pelo pensamento (CHAUÍ, 2005, p. 68-69; JAPIASSÚ; MARCONDES, 2008, p. 231).

<sup>4</sup> Em termos gerais, o construtivismo é a “teoria do conhecimento que se baseia numa concepção essencialmente dialética das relações entre o sujeito cognoscente e o objeto conhecido (mundo exterior), sendo a Razão ao mesmo tempo estruturante do real e estruturada por ele” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2008, p. 55).

teoria epistemológica de natureza construtivista, com base no argumento do criador do conhecimento.

No âmbito da pesquisa em comunicação, operações metodológicas similares às de Domingues (2004) são encontradas nos estudos de Signates (2001) e de Marcondes Filho (2002, 2004), que também criticam o realismo epistemológico por diferentes razões. O primeiro, ao avaliar os estudos contemporâneos de comunicação sob a teoria dual de Jürgen Habermas, constata, na obra desse autor, o enrijecimento da noção de “sistema” nas figuras do Estado e do mercado e a noção de “mundo da vida” nas figuras da esfera pública e da família. Como alternativa a esse problema, Signates propõe a transposição dessas duas categorias da condição de institucionalidades para a de lógicas de ação social, que poderiam ser aplicadas a quaisquer instituições. Marcondes Filho, por sua vez, considera o realismo epistemológico ultrapassado por não contemplar as ambiguidades da realidade, reveladas pelas novas teorias científicas (teoria do caos, teoria da complexidade, teoria da autopoiese), nas quais as coisas são e não são ao mesmo tempo. Ao considerar que a comunicação pertence em primeiro lugar à filosofia, ele propõe o desenvolvimento de um método baseado no “princípio da razão durante”, do filósofo grego Heráclito de Éfeso, visando à apreensão dos fenômenos comunicacionais como processos, no momento de sua manifestação.

### *O estatuto disciplinar da comunicação*

A partir das contribuições desses e dos estudos anteriores, este artigo adota como tema de pesquisa o problema da definição do estatuto disciplinar da comunicação. A tese principal que permeia este

trabalho é a afirmação de que o principal empecilho na definição desse estatuto é a ausência no campo comunicacional de uma *rationale*, ou seja, de uma razão lógica capaz de articular de forma coerente os diversos aspectos dessa disciplina (sócio-histórico, fenomenológico, teórico, metodológico, entre outros). Para abordar esse problema, propõe-se resgatar na literatura alguns argumentos disponíveis sobre o estatuto disciplinar da comunicação e analisá-los a partir de um conjunto de quatro conceitos (disciplinar, multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar) sintetizados por Domingues (2012).

a) *Disciplinar* – termo relacionado diretamente à noção de disciplina como sinônima de “campo do conhecimento”. Trata do ensino, da educação e da ciência, abarcando tanto a matéria ensinada quanto o método e o sistema ou doutrina. Enquanto forma de organização do conhecimento e de olhar sobre a realidade, a disciplina também representa o *ethos* de determinada comunidade científica, proporcionando-lhe alteridade – ou seja, distinção – em relação às comunidades de outros campos do saber. A consequência da ausência desse *ethos* no campo comunicacional tem levado ao posicionamento de seu estatuto disciplinar nos extremos de uma não disciplina (apenas um campo de aplicação) ou de uma superdisciplina (síntese e acabamento das ciências humanas e da filosofia) (MARTINO, 2003). No entanto, há os que defendem a comunicação como um campo realmente disciplinar, apesar de considerá-la um saber em formação (BRAGA, apud PRADO, 2003). O argumento adotado para isso é que qualquer tema de pesquisa pode atravessar vários campos – nesse sentido, todos os campos são interdisciplinares. Resta

saber qual seria o olhar da comunicação na abordagem sobre determinado tema.

b) *Multidisciplinar* – contempla a aproximação de disciplinas e sua natureza é essencialmente aditiva, não integrativa. Neste caso, busca-se estabelecer pontos de contato e o compartilhamento de informações, sem que isso resulte em qualquer mudança na configuração das disciplinas envolvidas. Na prática, a perspectiva multidisciplinar já levou a avanços importantes na ciência, tais como a descoberta do transistor e o desenvolvimento das primeiras bombas atômicas. O mesmo não ocorre com o campo comunicacional, que não consegue nem mesmo articular os conhecimentos de suas próprias subdisciplinas. É o que revelou Rogers (1999) ao descobrir a existência do baixo grau de citações cruzadas entre revistas científicas de comunicação massiva e interpessoal.

c) *Interdisciplinar* – compreende a cooperação das disciplinas e está fundada em grupos de trabalho. Sua natureza é integrativa, pois resulta na mútua integração de conceitos, terminologias, métodos e dados em conjuntos mais vastos, repercutindo na organização do ensino e da pesquisa. Entre os melhores exemplos dessa integração encontra-se a descoberta do DNA por um biólogo (Watson) e um físico (Crick), cujo processo serviu de exemplo para a criação de uma série de ciências, tais como a bioquímica, a biofísica, e a físico-química, entre outras. O conceito de interdisciplinaridade requer a distinção de zonas bem definidas de duas disciplinas. De acordo com Braga, citado por Prado (2003), esse conceito não se aplica no caso da comunicação, cuja cientificidade ainda não está inteiramente construída. Em vez disso, o que acontece na relação da comunicação com

outros saberes é que, “em cada disciplina humana ou social o tema [comunicação] parece gerar uma energia centrífuga, e no campo de estudos em comunicação, contrariamente, uma energia centrípeta” (BRAGA, apud PRADO, 2003, p. 140).

*Transdisciplinar* – consiste na tentativa de ir além das disciplinas (trans = além e através) e sua índole é transgressiva, levando à quebra das barreiras disciplinares e à desobediência das regras impostas pelas diferentes disciplinas. Seu objetivo é fornecer sínteses teóricas abrangentes, capazes de unificar o conhecimento. Para isso, exige a dupla coordenação, horizontal e vertical, da pesquisa. Trata-se mais de um novo paradigma do que de uma atitude, de um método ou de um olhar. Essa posição é criticada, no âmbito da comunicação, por Martino e Boaventura (2013) e Maldonado (2003), por considerá-la mais um exercício de retórica (no mau sentido) do que propriamente uma contribuição efetiva. No entanto, ambos divergem quando Martino e Boaventura (2013) descartam até mesmo a contribuição da interdisciplinaridade e prefere resguardar a especificidade dos diversos olhares representados pelas disciplinas. Maldonado, no entanto, adota outra estratégia: atribui ao prefixo “trans” o sentido de “um movimento que ultrapassa ‘fronteiras’ por meio do conhecimento profundo dos problemas-objeto de pesquisas setoriais” (MALDONADO, 2003, p. 216). Sua ideia, neste caso, é desenvolver a cientificidade do campo da comunicação a partir da reconstrução histórica, teórico-metodológica e epistêmica dos saberes que contribuíram para sua formação.

Esses diversos estudos e argumentos sobre o estatuto disciplinar da comunicação são exemplares no sentido de explicitar, por um lado, a ausência de uma *rationale*, evidenciada nos posicionamentos extremados sobre sua configuração (não disciplina ou superdisciplina) e na falta de articulação entre suas subdisciplinas. Por outro lado, fica evidente o esforço de autores como Maldonado (2003) no sentido de operacionalizar as transformações necessárias para que o saber comunicacional seja elevado à condição de disciplina científica. Talvez sua proposta não possa ser classificada exatamente como “transdisciplinar” por não almejar a totalidade do conhecimento nos moldes de seus principais defensores. De qualquer forma, é o posicionamento que parece estar mais próximo de uma abordagem construtivista do conhecimento, tal como a defendida por Domingues (2004). De acordo com esse autor, o construtivismo envolve: a) um sujeito cognoscente; b) o emprego de instrumentos (modelos etc.); c) um conjunto de operações dirigidas ao objeto; e d) a pergunta pela verdade do conhecimento obtido.

### *Dimensão híbrida*

O papel principal da dimensão híbrida é fazer a intersecção metodológica entre as dimensões filosófica e científica do estudo, resguardando suas respectivas especificidades. Por um lado, não compete à filosofia determinar a execução da pesquisa empírica em uma relação de causa e efeito; por outro, não compete à dimensão científica a validação empírica dos resultados e conclusões da investigação filosófica, por tratarem-se de duas formas de racionalidade distintas. Na pesquisa epistemológica, a filosofia

ocupa-se das condições internas do conhecimento, de sua fundamentação, das teorias que conduzem o olhar de determinada disciplina. Em sua dimensão científica, a epistemologia ocupa-se das condições externas do conhecimento, de sua evolução, de suas condições de produção. No entanto, as reflexões proporcionadas pela filosofia sobre as condições internas do conhecimento podem servir de referência para a formulação do problema e a definição do referencial teórico da pesquisa empírica. É nesse sentido que essas duas operações são adotadas como integrantes da dimensão híbrida da pesquisa epistemológica.

### Formulação do problema de pesquisa e seleção do referencial teórico

Os diversos posicionamentos sobre o estatuto epistemológico da comunicação analisados anteriormente neste trabalho, em sua dimensão filosófica, parecem trazer subjacente a ideia de que esse problema encontra-se assentado nesses dois conceitos fundamentais: “campo científico” e “disciplina”. Sob a perspectiva construtivista, a noção de campo científico é fundamental por contemplar a inserção do sujeito no processo de construção do conhecimento; a noção de disciplina também é importante por referir-se ao emprego de instrumentos, às operações dirigidas ao objeto e à pergunta pela verdade do conhecimento.

Diante do exposto, esta etapa da pesquisa continua adotando como tema a questão do estatuto disciplinar da comunicação. No entanto, procura realizar a passagem dessa preocupação – até então tratada na dimensão filosófica – para a dimensão empírica por meio de um estudo exploratório sobre o perfil disciplinar

dos estudos brasileiros de comunicação contemplados em uma base de dados internacional. A ideia, neste caso, é operacionalizar a noção de campo científico no levantamento das principais áreas do conhecimento em que esses estudos são classificados e das revistas científicas nas quais são publicados; a noção de disciplina é contemplada no levantamento dos principais temas tratados por esses estudos<sup>5</sup>.

Em decorrência dessa abordagem, o aporte teórico principal é fornecido pela teoria geral dos campos, de Pierre Bourdieu. Um aspecto importante de sua proposta é a superação das análises estritamente internalistas ou externalistas da ciência, às quais o autor contrapõe um nível intermediário, que se configura como um universo dentro do qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem o saber científico (BOURDIEU, 2004a, p. 20-21; BOURDIEU, 2004b, p. 4).

### *Dimensão científica*

Esta dimensão trata da operacionalização da pesquisa empírica propriamente dita a partir da formulação do problema e da seleção do referencial teórico. Para fins metodológicos, denomina-se dimensão científica a abordagem clássica da ciência fundamentada em métodos quantitativos. No entanto, há quem reconheça, como Habermas (2002), que as relações entre filosofia e ciência passaram, com o tempo, a ocorrer em diferentes graus de parentesco, especialmente as ciências humanas.

---

<sup>5</sup> Um trabalho específico e mais aprofundado nessa linha poderia render empiricamente muito mais do que está sendo exposto neste artigo, que, por questões de espaço, não contempla informações tais como os autores mais citados, referenciais teóricos mais adotados, instituições científicas mais produtivas, inter-relações entre áreas do conhecimento e revistas científicas etc.

### *Estratégia metodológica*

A metodologia básica adotada neste trabalho é a análise bibliométrica, que investiga os aspectos quantitativos da produção acadêmica registrada em bases de dados de ciência e tecnologia. Para isso, é preciso considerar, em primeiro lugar, que essas bases não são simples repositórios de documentos científicos (artigos, revisões, resenhas etc.), pois seu conteúdo é definido pela intervenção de uma série de fatores, tais como o processo de seleção de artigos por parte dos periódicos especializados e, posteriormente, pela própria seleção dessas revistas por parte das bases de dados, de acordo com critérios por elas estabelecidos, tais como periodicidade regular, a existência de processo de revisão por pares e sua representação geográfica.

A base de dados selecionada para este trabalho é a Web of Science (WoS), particularmente suas sub-bases especializadas em ciências sociais e humanidades. O primeiro passo da pesquisa foi a realização de uma busca, em 8 de outubro de 2015, de todos os registros de artigos científicos disponíveis dentro do campo “tópicos” (que contempla título, resumo e palavras-chave) que contivessem a palavra “comunicação”. Ao mesmo tempo, também foram selecionados todos os artigos científicos disponíveis dentro do campo “país” que contivessem a palavra “Brasil”. A expressão de busca utilizada adotou essas palavras em diversas línguas (inglês, francês, português, espanhol, galego, basco, catalão e italiano). O período compreendido por essa busca foi de 1956 a 2014. Ao todo, foram recuperados 983 documentos, posteriormente processados por meio dos softwares VantagePoint e Excell. Os resultados encontram-se a seguir.

## Principais resultados

### *Áreas do conhecimento*

O levantamento das dez primeiras áreas do conhecimento em que os artigos científicos são classificados representou 836 registros, ou 85% do total de 983 documentos contemplados pela base de dados. Destacam-se nesse levantamento as disciplinas relacionadas às ciências da saúde (Saúde Ocupacional, Enfermagem, Psicologia e Psiquiatria), com 483 registros. Esse número representa 48% do total dos 983 documentos contemplados. Logo em seguida vêm as Ciências da Informação, com 143 registros (14%), e Economia e Negócios, com 64 registros (6%). A área de Comunicação fica em último lugar, com 26 documentos, ou apenas 2,6% do total.

**Tabela 1** - Produção científica em Comunicação – áreas do conhecimento

ÁREAS DO CONHECIMENTO		
N	ÁREA	REGISTROS
1	Saúde Ocupacional	202
2	Enfermagem	180
3	Ciências da Informação e Biblioteconomia	143
4	Psicologia	75
5	Economia e Negócios	64
6	Educação e Pesquisa Educacional	42
7	Ciências da Computação	40
8	Ciências Sociais – Outros tópicos	38
9	Comunicação	26
10	Psiquiatria	26
TOTAL		836

Fonte: Web of Science, 2015

## Revistas científicas

O levantamento das 11 primeiras publicações contempladas pela base de dados compreende 418 registros de artigos científicos, ou 42,5% do total de 983 documentos. Neste caso, verifica-se a mesma tendência encontrada no âmbito das áreas do conhecimento. A maior parte dessas publicações (310 registros) também está associada às Ciências da Saúde, o que representa 31% dos 983 artigos presentes na base de dados. Em seguida, destacam-se nessa lista três revistas vinculadas às Ciências da Informação e Biblioteconomia (“informação e sociedade – estudos”, “transinformação” e “perspectivas em ciência da informação”).

**Tabela 2** - Produção científica em Comunicação – revistas científicas

REVISTAS CIENTÍFICAS		
N	TÍTULO	REGISTROS
1	Ciência e Saúde Coletiva	65
2	Revista da Escola de Enfermagem da USP	65
3	Informação e Sociedade – Estudos	62
4	Revista Latino-Americana de Enfermagem	46
5	Revista de Saúde Pública	35
6	Acta Paulista de Enfermagem	33
7	Transinformação	28
8	Cadernos de Saúde Pública	24
9	Saúde e Sociedade	24
10	História Ciências Saúde - Manguinhos	18
11	Perspectiva em Ciência da Informação	18
TOTAL		418

Fonte: Web of Science, 2015

## Temas das áreas e seus vínculos com a Comunicação

Os resultados desses dois critérios de avaliação dos artigos científicos (por área do conhecimento e por título da publicação) induzem à conclusão de que, na base de dados Web of Science, os estudos de comunicação estão dominados pelas ciências da saúde e pelas ciências da informação. Mas em que medida essas áreas estão tratando realmente de comunicação? A resposta a essa pergunta exigiu uma análise exploratória dos títulos, resumos e palavras-chave dos artigos associados a essas áreas. O resultado geral dessa análise permitiu descobrir seus principais temas e vínculos com o campo comunicacional, expostos a seguir.

- *Ciências da Saúde* – tratam, em geral, de processos comunicacionais relacionados ao ambiente hospitalar, aos programas de saúde familiar e aos cuidados com a criança. Neste sentido, as ciências da saúde possuem forte vínculo com o campo comunicacional, por intermédio de sua subárea “comunicação para a saúde”.
- *Ciências da Informação* – tratam basicamente dos processos comunicacionais envolvendo pesquisadores por intermédio da publicação dos resultados de seus estudos em revistas especializadas. Neste sentido, as Ciências da Informação possuem forte vínculo com a comunicação, por intermédio de sua subárea “comunicação científica”.

## O desempenho da área de Comunicação

Os principais temas tratados especificamente na área de conhecimento “comunicação” estão asso-

ciados a apenas 26 artigos. No entanto, sob a análise qualitativa esses artigos revelam algumas tendências importantes, tais como o esforço dos integrantes desse campo em valorizar uma perspectiva brasileira ou latino-americana dos estudos comunicacionais. Além disso, destaca-se, nessa produção científica, a forte presença de pesquisas relacionadas à subárea de “comunicação organizacional”, ao abordar temas tais como o uso de *e-mail* nas organizações, comunicação interpessoal, trabalho colaborativo e comunicação organizacional no terceiro setor. Finalmente, registram-se estudos sobre a relação entre comunicação e ciência, sobre comunicação política e sobre comunicação cultural.

## Conclusões

Os resultados obtidos nesta pesquisa empírica apresentam indícios de que o estatuto epistemológico de uma disciplina depende realmente de seu respectivo olhar sobre o mundo, o qual corresponde a certo tipo de abordagem, recorte e problematização do real. A emergência das Ciências da Saúde e das Ciências da Informação nesta pesquisa não deixa dúvidas quanto à especificidade do(s) objeto(s) daquelas ciências. No entanto, verifica-se, epistemologicamente, nesse caso, uma forte dependência da comunicação em relação a esses domínios. Mas é justamente essa dependência que permite à comunicação delimitar suas subáreas. Nesse sentido, a disciplina de Comunicação comporta-se, ao mesmo tempo, como “alimento” que nutre e potencializa outros domínios e também como “vírus” que deles extrai sua condição de sobrevivência. Talvez a resolução do problema do estatuto epistemológico da

Comunicação esteja no aprofundamento desses dois papéis por ela representados

### *Dimensão filosófica*

Após a conclusão da dimensão científica, o processo de investigação epistemológica prossegue com a submissão dos resultados da pesquisa empírica à reflexão filosófica. No caso deste artigo, essa reflexão parte da concepção construtivista do conhecimento, a partir da qual extrai alguns elementos para reflexão.

A noção de campo científico proposta por Bourdieu é bastante sedutora ao contemplar a presença do sujeito no processo de conhecimento. No entanto, ao dedicar-se a desvendar os fenômenos subjacentes às relações de poder estabelecidas dentro desse campo, o autor parece enfatizar em demasia o fazer científico sob a perspectiva agonística. Para equilibrar essa postura em favor da disciplina de Comunicação, faz-se necessária a adoção do pensamento de Habermas. A tão almejada “distinção” do campo comunicacional depende, contraditoriamente, das contribuições desse pensador em defesa da racionalidade e do entendimento humanos, necessária ao desenvolvimento dessa disciplina.

A comunicação ainda se encontra profundamente marcada pelas condições sócio-históricas de sua formação, assim como vê-se desafiada pelas grandes transformações sociais em curso no planeta. Esses extremos requerem do campo comunicacional muito mais do que a revisão dos modelos teóricos e metodológicos então adotados. Existe a necessidade de repensar esses modelos a partir da noção de paradigmas. Esforço nesse sentido vem sendo feito, por exemplo, na construção de um pensamento latino-

-americano de comunicação. No entanto, o mundo é muito mais vasto e contempla, inclusive, perspectivas não ocidentais, geralmente pouco conhecidas. Uma forma radical de repensar os paradigmas de comunicação vigentes, por exemplo, seria situá-los diante de conceitos tais como o “Ma” japonês (OKANO, 2012), que sintetiza a sensibilidade e racionalidade nipônicas, manifestadas em sua arquitetura, pintura, cinema e em outras formas de representação.

Diante das ideias expostas até o momento, encontrar um caminho para o estabelecimento do estatuto disciplinar da comunicação exige, basicamente, duas posturas complementares: uma pessoal, aberta à constante construção e reconstrução de domínios mentais e certezas emocionais; e outra coletiva, de ordem ética e praxiológica direcionada à construção de um projeto comum, aberto a ideias que possam fecundar-se mutuamente. Este artigo é uma contribuição nesse sentido.

## Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BERGER, C. R.; ROLOFF, M. E.; ROSKOS-EWOLDSEN, D. R. What is communication science? In: BERGER, C. R.; ROLOFF, M. E.; ROSKOS-EWOLDSEN, D. R. (Eds.). **The handbook of communication science**. London: Sage, 2010. p. 3-20.

BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. (Ed.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 7ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004a.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. 1.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2004b.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2005.

DOMINGUES, I. **Epistemologia das ciências humanas**. Tomo 1: positivismo e hermenêutica. São Paulo: Loyola, 2004.

DOMINGUES, I. Disciplinaridade, multi, inter e transdisciplinaridade: onde estamos? REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 63., 2012, Goiânia. In: **IEAT Publicações**. Belo Horizonte: UFMG, Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares, p.1-11.

BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, lexicografia, terminologia, Terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: SIMPÓSIO LATINOAMERICANO DE TERMINOLOGIA, 2, e ENCONTRO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA TÉCNICA-CIENTÍFICA, 1, 1990, Brasília. **Anais**. Brasília: IBICT, Paris: União Latina, 1992, p.152-158.

FADUL, A; DIAS, P. da R.; KUHN, F. Contribuições bibliográficas para a pesquisa sobre o campo da Comunicação. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, n. 36, p. 111-140, 2001.

FOLSCHEID, D.; WUNENBURGER, J. **Metodologia filosófica**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

FONSECA JÚNIOR, W. C. da. **A comunicação organizacional: um estudo epistemológico**. 2007. 204 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, São Paulo.

HABERMAS, J. **Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUISMAN, D. **Dicionário dos filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.  
JAPIASSÚ, H. F. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

JOURNAL OF COMMUNICATION. The future of the field, v. 43, n. 3-4, 1993.

LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LOPES, M. I. V. de. **Pesquisa em comunicação**: formulação de um modelo metodológico. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

LOPES, M. I. V. de. Sobre o estatuto disciplinar do campo da comunicação. In: LOPES, M. I. V. (Ed.). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003. p. 277-293.

MALDONADO, A. E. Explorações sobre a problemática epistemológica no campo das ciências da Comunicação. In: LOPES, M. I. V. (Ed.). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003. p. 205-225.

MARCONDES FILHO, C. **O espelho e a máscara**: o enigma da comunicação no caminho do meio. São Paulo/Ijuí: Discurso Editorial/Unijuiú, 2002.

MARCONDES FILHO, C. **O escavador de silêncios**: formas de construir e de desconstruir sentidos na comunicação. Nova teoria da comunicação II. São Paulo: Paulus, 2004.

MARQUES DE MELO, J. Conhecer-produzir-transformar: paradigmas da Escola Latino-Americana de Comunicação. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do campo, n. 36, p. 89-110, 2001.

MARTINO, L. C. De qual comunicação estamos falando? In: HOHFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Orgs.). **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001.

MARTINO, L. C. As epistemologias contemporâneas e o lugar da Comunicação. In: LOPES, M. I. V. (Ed.). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003. p. 69-101.

MARTINO, L. C.; BOAVENTURA, K. T. O mito da interdisciplinaridade: história e institucionalização de uma ideologia. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação** - E-compós, Brasília, v.16, n.1, jan/abr. 2013, p.1-16

OKANO, M. **Ma**: entre-espço da arte e comunicação no Japão. São Paulo: Annablume; Fapesp; Fundação Japão, 2012.

OLIVA, A. **Filosofia da ciência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PIAGET, J. **Epistemologia genética**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PRADO, J. L. A. O campo da comunicação e a comunicação entre campos na era da globalização. In: LOPES, M. I. V. (Ed.). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003. p. 135-153.

ROGERS, M. E. Anatomy of the two subdisciplines of Communication Study. **Human Communication Research**, v. 25, n. 4, p. 618-631, 1999.

SIGNATES, L. **A sombra e o avesso da luz**: apropriação crítica da teoria dual de sociedade em Habermas para os estudos contemporâneos de comunicação social. 2001. 397 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo.

WEB OF SCIENCE. Principal coleção do Web of Science. Disponível em: [http://apps-webofknowledge.ez103.periodicos.capes.gov.br/WOS\\_GeneralSearch\\_input.do?product=WOS&search\\_mode=GeneralSearch&SID=3BWuRA2Njft18lyLGwW&preferencesSaved=](http://apps-webofknowledge.ez103.periodicos.capes.gov.br/WOS_GeneralSearch_input.do?product=WOS&search_mode=GeneralSearch&SID=3BWuRA2Njft18lyLGwW&preferencesSaved=). Acesso em 8 out 2015.

### **Wilson Corrêa da Fonseca Júnior**

Pós-doutor em Comunicação Internacional pelo Center for International Science and Technology Policy – CISTP.

Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo.

Trabalha na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa. LATTES: <http://lattes.cnpq.br/6514544005134600>